

semeando sereias
perseguido pelo *canto das sereias*

elisa gunzi
filosofia, arte e ensino

“Na véspera da performance em Newcastle 1993, Tunga descreve um passeio perto da costa, ao entardecer, onde encontra a sua própria cabeça decepada ligada a longas mechas de cabelo pairando numa pequena poça. Ele pega esse “troféu mórbido” e gira-o no ar antes de arremessá-lo de volta ao mar” (TUNGA OFICIAL).

As obras de Tunga entremeiam-se com/por histórias carregadas de uma potência fabuladora, abrindo fissuras para que possamos, segundo Gilles Deleuze, “inventar um povo que falta” e que nunca cessa de fazer sentido (DELEUZE, 1997, p. 4).

Em *Semeando sereias* vislumbramos uma “relação de força, resistência, devires, singularidades, potência...”, já que Tunga não dialoga somente com a arte mas aponta para algo que está fora dela mesma e do próprio “mito da sereia” (LEVY, 2011, p. 88).

E, ao jogar “sua cabeça” ao mar, ele sucumbe à morte do autor para se lançar em direção à “linha do fora”, num limiar no qual espreita um rápido lampejo da “vida em sua máxima potência, o borbulhar das forças”. Aqui, corre-se o risco de se deixar seduzir pelo *canto da sereia* e de “desaparecer na verdade e na profundidade de seu canto” (BLANCHOT, 2005, p. 4).

Ao traçamos um paralelo entre a narrativa literária e a obra de Tunga, constatamos que ambas se perfazem a partir de um conteúdo ficcional. E, diferentemente da *frase da vida diária*, “Semeando sereias” encontra-se entrelaçada pela *frase da narrativa*, que “nos coloca em relação ao mundo da irrealidade que é a essência da ficção” para “que sintamos e para que vivam através da consistência das palavras sua luminosa opacidade de coisa” (BLANCHOT, 2011, p. 85).

O leitor/espectador é capturado pelo caráter alegórico da cabeça do artista sobre uma poça: a cabeça é vista como a “chave de um universo de magia e fascinação onde nada do que ele vive é reencontrado” (BLANCHOT, 2011, p. 85).

A cabeça de Tunga enquanto alegoria, nos “introduz na ficção o ideal da prosa diária” (BLANCHOT, 2011, p. 85).



A cabeça que repousa sobre uma rasa superfície aquosa vê-se refletida no inverossímil canto das sereias. Aqui, ambas se defrontam com a inelutável “suspeita de inumanidade” (BLANCHOT, 2005, p. 4).

Ao mesmo tempo, é inevitável não nos deixar seduzir por elas, pois, “havia algo de maravilhoso naquele canto real, canto comum, secreto, canto simples e cotidiano, que os fazia reconhecer de repente, cantado irrealmente por potências estranhas e, por assim dizer, imaginárias, o canto do abismo que, uma vez ouvido, abria em cada fala uma voragem e convidava fortemente a nela desaparecer” (BLANCHOT, 2005, p. 4).



A impostura de um corpo *sem cabeça* que resiste em reconhecê-la (re)pousada sobre a água.

O corpo receoso, assemelha-se aos homens temerosos em não resistir ao *canto das sereias*. Aqui, a dúvida os atormentam: “seriam as Sereias, como habitualmente nos fazem crer, apenas vozes falsas que não deviam ser ouvidas, o engano e a sedução aos quais somente resistiam os seres desleais e astutos?” (BLANCHOT, 2005, p. 4).



Assim como Ulisses, o artista é atravessado pelo irresistível “prazer extremo de cair” e que não pode “ser satisfeito nas condições normais da vida” (BLANCHOT, 2005, p. 4).

O “estranho encantamento” de se postar defronte ao seu duplo e com àquilo que reflete seu próprio temor, pode ser comparado com a “teimosia e prudência” de Ulisses, que transpassou o caráter “mortal” do *canto das sereias*: “é verdade, Ulisses as venceu...” (BLANCHOT, 2005, p. 4).



Cabeça de homem postado à sua frente, sensação que se mistura com afeto, dúvida que se instala em lugar da certeza: o feminino e o masculino, o ordinário e o extraordinário, o comum e a ficção. O artista visto em seu ato de perfídia, assim como Ulisses: “a perfídia que lhe permitiu gozar do espetáculo das Sereias sem correr risco e sem aceitar as consequências” (BLANCHOT, 2005, p. 4).



O canto inumano da sereia provoca uma vertigem e desperta um prazer premente pela queda, colocando-nos no limite entre as pedras e o mar.

A força propulsora que lança a cabeça na água girando em torno de longas madeixas e o encantamento pela beleza feminina se misturam com o desespero que beira ao deslumbramento.

Canto insólito e de estranha potência empurra

para o abismo.

E, mesmo aquele que sobrevive e resiste mergulhar nas profundezas nunca volta ileso do seu canto profundo (BLANCHOT, 2005).

referências

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Tópicos). DELEUZE, Gilles.

Crítica e clínica. São Paulo: ed. 34, 1997.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

TUNGA OFICIAL. Disponível em: <<https://www.tungaoficial.com.br/pt/>>. Acesso em: 7 de jul. de 2018.